



ATRAVESSAMENTOS DA HOSPITALIZAÇÃO NA SUBJETIVIDADE DE PESSOAS QUE GESTAM.

Juliano de Oliveira Soares, Luciana de Souza Lima, Mariana de Souza Santos.
Hospital Regional de Assis (CEJAM) – Enfermaria de Saúde Mental – Assis / SP

Eixo Temático: Saúde Mental e Humanização

Introdução

O período gestacional implica profundas alterações orgânicas e psíquicas, que podem ser exponencialmente desafiadoras quando associadas ao uso de álcool e outras substâncias psicoativas (SPAs). Gestantes usuárias de SPAs enquadram-se em condição de gestação de alto-risco, frequentemente sendo submetidas a internações compulsórias justificadas pela proteção do nascituro. Contudo, essa lógica pode operar sob uma economia moral que desconsidera a subjetividade da gestante, relegando-a a uma posição de não merecedora de cuidado. O presente relato descreve um grupo psicoterapêutico realizado em enfermaria de saúde mental, orientado pela redução de danos, com foco no resgate da autonomia e da consciência de si, tendo a abstinência como consequência desejada da valorização subjetiva.

Objetivo

Auxiliar na compreensão da importância dos cuidados em saúde mental para gestantes hospitalizadas, por meio de espaço grupal de psicoeducação, troca de experiências e fortalecimento de estratégias de enfrentamento.

Métodos

Grupo homogêneo, aberto, semanal, com duração de 60 minutos, na enfermaria de saúde mental do Hospital Regional de Assis/SP. Participaram gestantes hospitalizadas (voluntárias, involuntárias ou compulsórias) que manifestaram interesse. As sessões foram conduzidas a partir do compartilhamento de histórias de vida, com discussões sobre cuidado, autocuidado e expectativas em relação à gestação, parto e maternidade, utilizando psicoeducação e insight com enfoque na redução de danos.

Conclusão

O grupo de gestantes demonstrou ser um dispositivo terapêutico potente, articulando psicoeducação e escuta subjetiva em contexto de alta vulnerabilidade. A redução de danos mostrou-se eficaz para ampliar a autonomia e o engajamento no tratamento. O relato aponta para a necessidade de políticas públicas que considerem a complexidade da gestação em uso de SPAs e a importância de estratégias grupais como ferramenta de humanização e continuidade do cuidado.

Resultados

Ao longo das sessões, emergiram discussões sobre a descoberta da gestação, o impacto emocional da internação e a dificuldade de manter o cuidado de si em meio ao uso de SPAs. O estigma social foi tema central, atravessado por sentimentos de culpa e medo em relação ao desenvolvimento do nascituro, revelando como a internação compulsória e o olhar social sobre a gestante usuária de substâncias podem aprofundar o sofrimento psíquico e dificultar a construção de uma imagem positiva de si como futura mãe. As participantes expressaram expectativas ambivalentes quanto ao acolhimento da criança pela família, bem como conflitos entre o desejo e o não-desejo da gestação e do exercício da maternidade, sem que houvesse uma resolução simples para essas tensões. Questões práticas sobre o parto, os cuidados com o recém-nascido e a possibilidade de laqueadura também foram trazidas como fontes de angústia, sendo endereçadas por meio de interconsulta com a equipe de obstetria, que se mostrou um recurso importante para integrar o cuidado em saúde mental à atenção obstétrica. O grupo consolidou-se como um espaço de contenção afetiva e troca solidária, onde as gestantes puderam elaborar vivências, fortalecer vínculos com a equipe e com as demais participantes, e ressignificar o projeto de cuidado para além do período gestacional, ainda que em contexto de internação hospitalar.

**Acesse o trabalho
na íntegra!**

